



ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS EM CLARICE LISPECTOR



<https://doi.org/10.56238/levv15n41-012>

Data de submissão: 01/09/2024

Data de publicação: 01/10/2024

Fernanda Eméri Mokfa Matitz Celuppi
UNINDRADE

RESUMO

O presente artigo científico teve por objetivo analisar a arquétipos junguianos nas obras *Laços de família* (1960), *A hora da estrela* e *Um Sopro de vida* (1978), de Clarice Lispector (1977). Para atingir a esse propósito inicialmente busca-se discutir o, através da análise da psique e do espelhamento, ou seja, da relação entre o eu e o outro, sendo o outro uma parte de si mesmo. A tipologia junguiana apresenta dois tipos psicológicos, extrovertido e introvertido, e foi um marco na obra do autor e em sua *Psicologia Analítica*. Por meio da pesquisa descritiva e bibliográfica, foi possível considerar e questionar os desiguais aspectos do funcionamento psíquico que envolvem o campo do inconsciente e a tipologia junguiana, como as especificidades dos tipos, o processo de compensação, o equilíbrio psíquico e a investigação sobre a disposição inicial para cada tipo. Os resultados da pesquisa demonstram que o conceito de personalidade e sua sustentação na Tipologia Junguiana subsidiaram as obras de Clarice Lispector, na medida em que permitiram uma análise guiada pelos aportes da psicologia complexa analítica/junguiana.

Palavras-chave: Carl Gustav Jung, Psicologia Analítica, Personalidade.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo compreende a análise de três obras de Laços de família (1960), A hora da estrela e Um Sopro de vida (1978), de Clarice Lispector (1977) por meio do viés junguianos e para isso, optou-se pela análise de três obras Um Sopro de vida (1978), Laços de família (1960) e A hora da estrela que apresentam uma escrita do autoconhecimento, da análise do eu e do outro, que aqui se configura como a própria imagem refletida pelo espelho.

O presente artigo, irá trazer luz para a teoria de Carl Gustav Jung, mais especificamente para o seu destringer dos tipos psicológicos nas obras de Clarice Lispector em que distingue duas premissas de orientação dos processos psíquicos e quatro formas específicas de manifestação da libido.

O desenvolvimento da teoria dos tipos psicológicos possibilitou um viés de esclarecimento de dificuldades e afinidades naturais que algumas pessoas apresentam nas vertentes intra e interpessoal. A partir dos processos de percepção ou julgamento nos contos e narrativas de Clarice Lispector, o indivíduo desenvolveria –prioritariamente- uma dentre quatro funções possíveis, que atuariam de forma contígua às atitudes introvertida ou extrovertida. Carl Jung aprimorou sua teoria a fim de oferecer uma alternativa às visões psicológicas de Freud e Adler, até então bastante debatidas.

Logo, tais caminhos diferenciados, que tomavam o desenvolvimento da consciência, como assinalou Jung (2012), serviram de apoio para a construção de processos em avaliação psicológica, não só para elaboração de instrumentos como os testes psicológicos, mas também como arcabouço teórico para avaliações em âmbito clínico.

O método de pesquisa utilizado, neste artigo, tem como base a análise de artigos, fundamentado na literatura a respeito da construção da teoria dos Tipos Psicológicos segundo Carl Jung (2012), os conceitos de testes de personalidade nas perspectivas de Anastasi (1997), bem como as condições necessárias para o desenvolvimento da avaliação psicológica, com destaque também para a importância dos fatores não quantificáveis, nomeadamente em nível afetivo e relacional.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A NATUREZA DA PSIQUE

Jung emprega o termo grego “psique” para designar o que, na Psicologia Geral, tem o nome de personalidade. É a personalidade total, o conjunto de fenômenos conscientes e inconscientes que caracterizam a pessoa. A palavra psique significa alento, sopro de vida, alma. Em certo sentido, corresponde à mente (do latino mens, mentis), embora sopro vital, ar, aragem, alma em latim seja anima, cujo masculino é animus (espírito, pensamento, vontade, intenção). Psique foi empregado por Melanchton significando alma, quando definiu a Psicologia como o estudo da alma. Mas alma em alemão é Seele (pronuncia-se Zêle) e não mente (mind, em inglês) (LAUFER, 2013).

Em a Hora da Estrela este “inconsciente coletivo” é posto em prática quando se é contada a história de Macabéa, por isso, Eduardo Portela ao prefaciar o livro, nota muito bem que a protagonista representa bem mais, ela é todo um grupo social: “a moça alagoana é um substantivo coletivo”.

No romance A hora da estrela, o narrador antecipa que a história passará por uma mudança, em que o masculino se transforma em feminino e vice-versa “a ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto” (LISPECTOR, 1977, p. 20). De tal modo, nesta narrativa não se tem apenas uma história e sim três, que se articulam constantemente.

Mente, ou pensamento, em alemão é Sinn (Zin). Desse modo, psique se refere à personalidade total, a pessoal e a impessoal, está a história bioantropológica da humanidade com a qual nascemos. E podemos usar a palavra alma quando nos referimos ao âmag, ao coração, ao centro imaterial do ser humano. Jung emprega anima e animus para indicar, respectivamente, o lado feminino no homem e o masculino na mulher Clarice Lispector. (MOLINEIRO, 2007) e do próprio ato de narrar:

Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem. [...] pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. Aliás o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria. (LISPECTOR, 1977, p. 14).

Através desse processo de espelhamento, Rodrigo S.M. cunha a sua personagem, como sendo o duplo de si mesmo. O narrador-personagem reflete-se em Macabéa, identificando-se com ela. A sua existência é moldada a partir dela, isto é, só toma forma à medida que ele constroi a narrativa. A palavra espelho aqui pode ser apreendida como uma grande metáfora do reflexo, da imitação, que pode estabelecer tanto uma relação de diferença ou similitude

Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um ruflar de tambor – no espelho aparece o meu rosto cansado e barbudo [...] Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela, por entre espantos meus [...] (É paixão minha ser o outro. No caso a outra. Estremeço esqualido igual a ela).(LISPECTOR, 1977, p. 22-24)

De um modo geral, Clarice Lispector em suas obras analisadas tem seus personagens principais compostos de vários eus, pode-se dizer que a psique, a personalidade total, tem uma social, uma primitiva, uma feminina ou masculina, uma diretiva consciente e outra inconsciente. Em resumo, como explica Jung em Tipos psicológicos, psique é a totalidade psíquica, e alma é a disposição íntima, a parte da psique dirigida para dentro, “o caráter que opomos ao inconsciente” (SANT’ANNA, 2005). À disposição externa ele chama de persona.

Pode-se, com Freud, comparar a personalidade com um iceberg, cuja parte visível, a consciência, é diminuta face à encoberta, o inconsciente. Com Jung, a comparamos a uma cebola, que é formada por camadas funcionais, uma que constitui o sistema de relação com o mundo exterior,

chamada ectopsique, e outra que não se relaciona diretamente com o meio externo, denominada endopsique (LAUFER, 2013). Sobre isso, a passagem a seguir ilustra: “não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados” (LISPECTOR, 1977, p. 33).

A ectopsique é constituída de 4 camadas, que são as funções da consciência: percepção, intuição, pensamento e sentimento. E a endopsique, por conteúdos mentais que podem aflorar à consciência. Nela vamos encontrar tanto o material que foi consciente e deixou de sê-lo (o subliminar e o esquecido, por exemplo), como o proveniente das camadas mais profundas da psique, tanto do inconsciente pessoal como do coletivo, o da espécie. Esses conteúdos – impulsos, ideias, emoções e desejos – ficam forçando a consciência a aceitá-los, ela que é um processo momentâneo de ajustamento (RIBEIRO, 2011).

Os conteúdos do consciente e do inconsciente assim o são relativamente. Nos fenômenos psíquicos demonstrados na obra *Um sopro da vida*, Clarice Lispector sempre os deixam entrelaçados elementos conscientes e inconscientes. É impossível dizermos com exatidão se uma ideia, emoção ou comportamento é consciente ou inconsciente. Como o nome diz, inconsciente é aquilo a respeito do que não temos ciência, simplesmente por estar oculto. Diz Jung (1976, p. 522) em *Tipos psicológicos* que processos inconscientes são aqueles “que não estão referidos ao ego de modo perceptível”... “Também é inteiramente impossível calcular as dimensões do inconsciente, quer dizer, quais os conteúdos por ele abrangidos.”

As camadas da endopsique são a memória, experiências já vividas descritas em *Laços de Família* e que podem ser controladas pela vontade; os componentes subjetivos das funções, os quais, não podendo ser totalmente dirigidos pela força de vontade, podem ser intensificados ou suprimidos temporariamente; os afetos e as invasões, controlados apenas por uma força sobre-humana, como diz Jung em *Fundamentos de psicologia analítica*, §§ 20 a 43 e 90 a 92. Em suma, a ectopsique se comunica com o meio exterior e a endopsique; esta, com a ectopsique e o inconsciente pessoal (CONTI, 2019).

Considerando as funções ectopsíquicas nota-se inicialmente a existência da percepção que aparece nas obras de Clarice Lispector como sensação. É a função que diz que alguma coisa é (grande, pequena, leve, pesada, áspera, quente, fria, doce, amarga, salgada, ácida, grave, aguda, próxima, distante etc.). Portanto, uma função irracional, ou seja, o indivíduo não precisa aprender a captar os estímulos. O significado do que percebemos depende de nossas experiências, mas perceber é uma função natural, inata. Daí o próprio conceito de percepção: interpretação pessoal de um fenômeno externo; a do interno é sentimento (PORTELA, 2013).

Essa função é chamada irracional simplesmente porque não está sujeita à razão. Intuição. Esta é a outra função que não tem fundamento racional. Não é percepção de Clarice Lispector, pensamento ou sentimento, embora possa apresentar-se sob essas formas. É dirigida pelo inconsciente, visando

produzir a solução para algum problema. Como tal, não se faz com conceitos, mas com imagens e sentimentos, nos dizendo de onde a coisa vem e para onde vai.

Jung distingue uma forma objetiva de intuição, que tem por base a apreensão subliminar dos objetos, bem como os pensamentos e sentimentos subliminares que eles provocam; uma subjetiva, decorrente de fatos essencialmente subjetivos; uma concreta, referente à efetividade das coisas; e uma abstrata, “que comunica a percepção de conexões ideais” (CONTI, 2019). A intuição, diz Jung, usando uma expressão bem simples, “é um palpite”, e próprio da “psicologia infantil e primitiva” (PORTELA, 2013).

Por sua vez, a sensação ou pulsações em Sopro da Vida é uma tomada elementar de consciência “correlacionada com um processo fisiológico, conceito que está coerente com o da Fisiologia, sendo este um processo nervoso aferente que se inicia num receptor e se estende ao cérebro. Já por essa época se definia a percepção como ato de dar-se conta dos objetos externos (SANT’ANNA, 2005, p. 58) .

O pensamento é o trabalho mental com símbolos e que exprime o que uma coisa é. Por exemplo, pensar é o trabalho que fazemos ao ler, avaliar e reescrever um texto. Interpretamos, avaliamos e selecionamos os conceitos, ajustando-os ao nosso modo de pensar. Pensar, então, é uma função racional, é o trabalho mental com símbolos (conceitos, significados de palavras, como lar, mãe, mulher etc., imagens, como nos sonhos, e gestos que funcionam como símbolos). Com os conceitos, as ideias abstratas, pensamos para resolver problemas conscientemente e discursamos (LAUFER, 2013).

Ao lado do pensamento em A Hora da Estrela, é a outra função racional que nos informa o valor das coisas que percebemos e sobre as quais pensamos. É ele que nos diz se uma coisa é agradável e aceitável ou não. Sentimento é o prazer ou desprazer de uma experiência. Mas o termo também é usado para o estado psicológico e reação afetiva ligada às necessidades psicogênicas, aprendidas. Assim, são reflexos das emoções. Estas estão para o inconsciente como os sentimentos para a consciência. Por exemplo, enamorar é emocional e namorar é sentimental (RIBEIRO, 2011).

Emoção é uma reação motora intensa, marcada por um grau muito forte de prazer ou desprazer. E paixão é um sentimento muito intenso, que, no seu auge, pode se tornar uma emoção, como esta mais tarde se converte em sentimento. Ao conjunto de emoção, sentimento e paixão denominamos afetividade, seguindo Eugen Bleuler, professor e amigo de Jung. Jung, porém, usa o afeto como sinônimo de emoção. E distingue uma a percepção sentimental ativa e outra passiva. (A percepção é termo da antiga Psicologia e referia-se à percepção enfocada, a fase clara da percepção) (LAUFER, 2013).

Sempre há uma função dominante no funcionamento da consciência. Ela é aquela pela qual a libido (energia vital e psíquica) flui com predominância sobre as demais funções e que, pelo comportamento da pessoa, detectamos que é a área da consciência que melhor trabalha com o mundo exterior; é a habitual. Se há uma função dominante, existe uma secundária, problemática, inferior. No

par percepção-intuição ou no pensamento-sentimento, um dos dois é inferior. Se a dominante é o pensamento, a inferior é o sentimento e a auxiliar é uma do par oposto (percepção ou intuição). O tipo pensativo tem dificuldade em lidar com seus sentimentos e é auxiliado pela percepção ou intuição (RIBEIRO, 2011).

Convém lembrar que a função inferior é importante no processo de individuação, o processo de desenvolvimento que conduz o indivíduo para se tornar um “todo” indivisível, uma pessoa diferente das demais. Como se pode facilmente constatar na pessoa perceptiva, a intuição, tendo por um tempo ficado rebaixada, aos poucos vai forçando mudanças na consciência (PEREIRA, 2007). E, como o ego tem que incorporar conteúdo subconscientes, ele é forçado a resgatar essa função inferior, senão o processo de desenvolvimento psicológico não ocorrerá normalmente.

De qualquer modo, percebe-se que Clarice Lispector, em sua maturidade na obra *Laços de Família* demonstra que o inconsciente exerce uma pressão muito maior sobre o consciente, se este negligenciou elementos inconscientes em vista da auto realização, a qual, é óbvio, nunca se completa. (PANDINI, 2014) Ocorre, muitas vezes, uma Metanóia, uma conversão, uma penitência da consciência ante o inconsciente, a partir da qual o indivíduo se encontra com o que sempre esteve em nível inconsciente, mas nunca conscientemente. Parece que o inconsciente diz: “Dê um sentido à sua vida, torne-a significativa. E procure ser você mesmo”. Exemplos:

o materialista se torna um místico; o religioso, um negociante que avidamente busca posse e poder; o cantor e rico galã do cinema, um frei com voto de pobreza; o pacato médico, um grande líder revolucionário; o depravado, um moralista; a doméstica, uma líder feminista; o quitandeiro, pintor; o escritor, pescador; e assim por diante (PANDINI, 2014, p. 99).

Mas, em quem teve um normal desenvolvimento psicológico e vive relativamente bem consigo mesmo e com o mundo, possíveis mudanças são quase imperceptíveis. Unindo as funções da consciência às atitudes intro e extrovertidas, Jung estabeleceu 8 tipos psicológicos. Atitudes são disposições afetivas a favor ou contra. As introvertidas são aquelas em que se nota “o trânsito da libido de fora para dentro” (PERRONE, 2008, p. 106). O introvertido, seja ele pensativo, sentimental, perceptivo ou intuitivo, valoriza bastante seu mundo interior, em detrimento do exterior. O extrovertido é o oposto. O indivíduo será tanto mais equilibrado quanto menor for a distância entre suas atitudes intro e extrovertidas (RIBEIRO, 2011).

A constituição psicológica de cada indivíduo, destrinchada por Clarice Lispector a partir da categorização em tipos psicológicos, obedecia ao mesmo método da tipologia fisiológica (ciência nunca abandonada pelo autor). Aprioristicamente, Jung procura esclarecer que a relação de compensação, sendo um processo estável, não permite que tipos ideais apareçam nos fenômenos.

Jung apontou que a energia psíquica flui em duas direções, sendo elas a extroversão – as atitudes são orientadas por fatores objetivos – e a introversão – as atitudes são orientadas por fatores subjetivos. Sobre esse aspecto Jung comenta:

O introvertido se comporta abstratamente, está basicamente sempre preocupado em retirar a libido do objeto como a prevenir-se contra um superpoder do objeto. O extrovertido, ao contrário, comporta-se de modo positivo diante do objeto. Afirmo a importância dele na medida em que orienta constantemente sua atitude subjetiva pelo objeto e a ele se reporta (2012, p.316).

No entanto, esse movimento consciente é dotado de uma compensação inconsciente, então, para o extrovertido, há uma empatia consciente e uma abstração inconsciente, ocorrendo o oposto no introvertido.

Após a compreensão das duas atitudes principais, Jung direcionou seus estudos para a inclusão das funções psíquicas. Ao desenvolver sua obra, o autor aprendeu que o indivíduo não é apenas guiado por sua introversão ou extroversão, partindo então para uma subdivisão a partir da forma como as informações são assimiladas. Assim, as pessoas assumem atitudes julgadoras ou perceptivas, produzindo um contexto em que

Quando se emprega uma atitude de julgamento para conduzir a vida, há uma tendência de querer que as coisas sejam elaboradas e realizadas de acordo com um planejamento inicial. Quando se emprega um processo de percepção para lidar com a vida diária, ocorre uma tendência de abertura para novas possibilidades, numa atitude de flexibilidade na adaptação a novas circunstâncias, experimentando a vida do modo mais amplo possível. (FIALHO; FERNANDES, 2014, p.135)

A personalidade nos permite compreender aquilo que diferencia as pessoas entre si e nas suas preferências e comportamentos que lhes são singulares. Hogan & Roberts (2004) conceitua personalidade a partir de um conjunto de comportamentos e processos psicológicos desenvolvidos para fim de lidar com metas relacionadas à inclusão social e à obtenção de influência. Em princípio aparecem duas categorias metodológicas, sendo elas: a identidade e a reputação. A primeira se manifesta nas explicações de autorrelato e no estilo comportamental, a segunda se refere à adjetivos ou traços do comportamento em público.

Isso fica perceptível na autopercepção de Clarice Lispector no livro *Um sopro de Vida*, que a autora começa o livro com a epígrafe “quero escrever movimento puro” e é exatamente isso que acontece. Há um personagem, que é o autor, que aos poucos vai desnudando a outra personagem do livro, que é a Ângela. Com um jogo de espelho autor e personagem vão se complementando.

A diferença entre mim e Ângela se pode sentir. Eu enclausurado no meu pequeno mundo estreito e angustiante, sem saber como sair para respirar a beleza do que está fora de mim. Ângela, ágil, graciosa, cheia do babador de sinos. Eu, parece que amarrado a um destino. Ângela com a leveza de quem não tem um fim (LISPECTOR, 1978, p. 32-33).

Em outra passagem que nos remete para a semente de uma na outra é em relação ao cachorro que tanto a Ângela do conto, como a Ângela de *Um sopro de vida* (pulsações) têm:

Ângela de súbito estremeceu: quem daria o último dia de vermífugo ao cachorro. Ah, Ulisses, pensou ela para o cão, não te abandonei por querer, é que eu precisava fugir de Eduardo, antes que ele me arruinasse totalmente com a sua lucidez (...).

Ulisses, se fosse vista a sua cara sob o ponto de vista humano, seria monstruoso e feio. Era lindo sob o ponto de vista de cão. Era vigoroso como um cavalo branco e livre, só que ele era castanho suave, alaranjado, cor de uísque (LISPECTOR, 1994, p. 27-29).

2.2 AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DOS PERSONAGENS DE CLARICE LISPECTOR

O comportamento emocional revela um componente aprendido (por exemplo, as reações de medo ante uma cobra) e outro herdado, que decorre da própria natureza do sistema límbico e do neurovegetativo (autônomo). Você pode aprender a reagir emocionalmente de maneira educada (reprimindo a impulsividade), mas sentirá mais ou menos de acordo com sua natureza biológica (BANHATO, 2019). Por isso foi possível estabelecer os 4 tipos clássicos de temperamento: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico. Temperamento “é a natureza afetiva de um indivíduo, determinada pela sua herança e pela sua história de vida” (PORTO, 2020, p. 35).

No tocante à produção de testes psicológicos, o construto personalidade é o que mais abastece o acervo dos profissionais psicólogos. A avaliação de tal fenômeno psicológico é imprescindível para dimensionar diferentes contextos.

A avaliação psicológica é entendida como o processo técnico-científico de coleta de dados, estudos e interpretação de informações a respeito dos fenômenos psicológicos, que são resultantes da relação do indivíduo com a sociedade, utilizando-se, para tanto, de estratégias psicológicas – métodos, técnicas e instrumentos. Os resultados das avaliações devem considerar e analisar os condicionantes históricos e sociais e seus efeitos no psiquismo, com a finalidade de servirem como instrumentos para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na modificação desses condicionantes que operam desde a formulação da demanda até a conclusão do processo de avaliação psicológica (CRP/SP, 2003).

A identidade do eu se constitui na relação com o outro, esse também é o ponto da obra de Bakhtin (2003), nota-se assim a necessidade do outro. “o que eu sou? [...] tenho em mim um sopro? Tenho? Mas quem é esse que tem? Quem é que fala por mim? Qual é a palavra que representa o ‘desconhecido’ que sentimos em nós mesmos?” (LISPECTOR, 1978, p. 19, 87 E 29).

Um dos modelos em instrumentos psicológicos mais utilizados hoje é o dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, que abarca sua expressão nos fatores Neuroticismo, Socialização, Extroversão, Realização e Abertura. Anastasi (1997) afirma que foi a partir de 1960 que a maioria das abordagens começou a convergir para a existência de apenas cinco dimensões que tratavam dos traços comuns da personalidade.

O uso deste modelo passou a ser bastante agenciado na construção dos novos testes, uma vez que apresentava grande evidência de sua universalidade e aplicabilidade em diferentes contextos. A partir de então, e com instrumentos que medissem a personalidade de modo mais abrangente, os manuais se tornaram, de certa forma, mais consistentes. O presente trabalho aponta para tal referencial teórico, uma vez que, a discussão da teoria dos traços da personalidade respalda um enfoque em

circunscções individuais, não submergindo as manifestações em comportamento, pensamento e sentimento em distintas situações, entrando assim em consonância com os padrões de traços individuais e características adaptativas pensadas por Jung no desenvolvimento dos Tipos Psicológicos.

No entanto, é válido advertir que a teoria junguiana apresenta movimentos apriorísticos dos processos psicológicos ligados a personalidade, ainda assim

A Teoria dos Tipos tem como ponto de partida o movimento da energia psíquica e nunca pretendeu criar estereótipos (o grande risco de qualquer tipificação tipológica). Embora os conceitos nela inerentes (introversão, extroversão e funções psíquicas) e a classificação dos tipos tenham grande aplicabilidade, a riqueza desta teoria está relacionada à dinâmica do movimento da libido. No sistema proposto por Jung, a conceituação do dinamismo (consciente e inconsciente) e a presença de todas as polaridades cria um sistema de trocas entre as instâncias através dos movimentos da energia psíquica. (BARCAUI, PATROCÍNIO & QUELHAS, 2004, p.36).

Assim, surge a noção de individuação em Clarice Lispector como um dos principais conceitos da teoria da tipificação da personalidade, contando com um processo abrangente que diz respeito à necessidade do homem de completar-se entrando em contato com aspectos menos desenvolvidos da sua personalidade (funções e atitudes inferiores), a meta do desenvolvimento seria, para Jung, a integração destas funções, ou a união do que se encontra dividido.

circunstâncias externas e disposição interna favorecem muitas vezes um dos mecanismos e limitam ou estorvam o outro. Com isso temos, naturalmente, uma predominância de um dos mecanismos. Tornando-se crônica esta situação, surge então um tipo, ou seja, uma atitude habitual onde predominará um dos mecanismos, sem, contudo, poder suprimir totalmente o outro, pois este faz parte necessária da atividade psíquica. [...] Uma atitude típica significa sempre e tão somente a predominância relativa de um dos mecanismos (RIBEIRO, 2020, p. 20).

Em sua obra, verifica-se a seguinte passagem:

- Foi Deus que me inventou e em mim soprou e eu virei um ser vivente. [...] E assim que recebi o sopro de vida que fez em mim um homem, sopro em você que se torna uma alma [...] estou esculpindo Ângela com pedras das encostas, até formá-la em estátua. Ai sopro nela e ela se anima e me sobrepuja [...] Foi Deus que me inventou. Assim também eu – [] assim também eu uso o meu sopro e invento Ângela Pralini e faço-a mulher. Mulher linda (LISPECTOR, 1978, p. 28, 29, 30 e 73).

Dessa forma, julgar certas atitudes ou opiniões como introvertidas ou extrovertidas, não necessariamente implica que o autor dessas sentenças irá ser também caracterizado por aquele mesmo tipo específico, pois fatos isolados são insuficientes para determinar qual o tipo predominante do indivíduo (JUNG, 2008). Essa dificuldade de nomeação surge porque, apesar de um dos tipos sempre prevalecer na atitude psicológica, o tipo complementar está presente e atua em menor escala, quase que de maneira secundária, para contrabalancear e manter o equilíbrio psíquico (RIBEIRO, 2020).

Sendo assim, os dois mecanismos, de extravversão e de introversão, coexistem na psique, contudo somente um deles irá predominar em detrimento do outro.

Carl Jung escreveu sua teoria dos tipos psicológicos em 1921, décadas depois esquemas de significados começaram a ser pensados para que as pessoas pudessem descobrir seus próprios tipos. Katherine Briggs e sua filha Isabel Briggs Myers, desenvolveram um indicador chamado MBTI.

Este instrumento difere dos demais testes de personalidade uma vez que mede as preferências, que podem ou não ser expressos no comportamento. Assim, a introversão (I) e a extroversão (E) funcionam como categorias bipolares. Além destas últimas, há a definição de predominância entre percepção ou julgamento e seu comportamento subsequente desenvolvido. Por conseguinte, podemos entender que alguns indivíduos tomam uma decisão a partir da mente; já outros a partir do coração (CHARON, 2003).

O inconsciente pessoal engloba todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, quer dizer, que não estão referidos ao ego de modo perceptível” (Jung, nas Definições de Tipos psicológicos). Milhares de experiências são retidas nesse inconsciente, como as que foram conscientes e esquecidas, as subliminares (abaixo do nível consciente), as reprimidas, as resultantes do estado de dissociação mental (por exemplo, as personalidades), fadiga, doença, intoxicação etc.(PADUA; SERBENA, 2019) Enfim, no inconsciente pessoal encontra-se o material que não tem relação com a consciência e o que ela não controlou, ou ainda não controla.

Em primeiro lugar, Jung (1912/1980) desenvolveu a teoria da existência de duas camadas do inconsciente: o pessoal e o impessoal ou supra pessoal (coletivo). O primeiro deles estaria atrelado as informações de cunho pessoal e individual, referente a trajetória de vida exclusiva daquela pessoa, sejam elas, memórias infantis, lembranças perdidas, repressão de acontecimentos passados e percepções no dia a dia que, no geral, não tiveram a força necessária para atingir o limiar da consciência. Nesse cenário, nada do que já foi experimentado deixa de existir na psique depois que já ocorreu. Situações ou informações que já foram conscientes, mas que por diversos motivos, foram deixadas de lado ou esquecidas, ainda se encontram nessa área do inconsciente e conseguem atingir facilmente a consciência quando necessárias (RIBEIRO, 2020, p.11).

A uma ideia, ou conjunto de ideias, com forte tonalidade emocional, alojada no inconsciente individual, Jung deu o nome de complexo. As imagens armazenadas nesse inconsciente são denominadas imagos, imagens pessoais, que diferem das arcaicas, primordiais, arquetípicas, do inconsciente coletivo, o da espécie (VECHI, 2018).

Em laços de família, Clarice Lispector apresenta o cego que faz o papel que Jung chama de Função Transcendente. Foi o cego que desencadeou em Ana a tal “perigosa vontade de viver”. Esse cego é o símbolo em que a Função Transcendente poderá atuar. No entanto, Ana não permitiu que houvesse a transformação. Teve medo e se acomodou como quem busca uma terceira perna, que embora empate caminhar, proporciona uma raiz firme para a estabilidade

O complexo é facilmente notado nas pessoas porque, se não é conhecido e controlado, domina o ego, de modo que a pessoa “só pensa naquilo”. Mais do que pensar, a viver intensamente preocupada e comandada por ele, como acontece com a que tem um complexo de inferioridade. Há inúmeros complexos, e o trabalho do psicoterapeuta junguiano é fazer o cliente entender que não é ele que tem um complexo, mas o complexo que o tem. Exemplos são o materno e o paterno, em que o filho existe em função exclusiva da mãe ou do pai. Outro é o de inferioridade do baixinho numa sociedade que valoriza mais o alto. O complexo, cujo núcleo é um arquétipo, funciona como uma psique parcial e é, no dizer de Jung, “o arquiteto do sonho” (PORTELA, 2013).

A pessoa, geralmente, não tem consciência do seu complexo, é claro, porque, como Freud explicou detalhadamente em *A repressão*, há um mecanismo (que é a repressão) cuja essência “consiste exclusivamente em rechaçar e manter distantes da consciência determinados elementos”, obedecendo ao princípio básico do inconsciente, o do prazer (PATO, 2020). Logo, conscientizar-se de um complexo é doloroso. Como se constata no trabalho psicoterápico, “a verdade liberta, mas antes deixa a pessoa infeliz”. Quem tem o complexo (ou o complexo o tem) está inconsciente dele, mas todos que convivem com esse alguém sabem que ele existe e o chamam de “mania” (RIBEIRO, 2020).

O inconsciente coletivo, o repositório dos instintos e dos motivos da espécie, os arquétipos. Os instintos (termo fora de moda na Psicologia) para Jung são as necessidades fisiológicas inferidas dos impulsos naturais. Esses instintos também se manifestam em fantasias e com frequência revelam sua presença somente por meio de imagens simbólicas. Estas manifestações são as que chamo de arquétipos.

inconsciente coletivo abrangeria imagens primordiais, que a geralmente, estão presentes em todas as estruturas psíquicas. São elas as imagens hereditárias, mais antigas e universais da imaginação humana, correspondendo tanto as representações mais belas e grandiosas, como também as piores atrocidades e atos mais diabólicos já cometidos pela humanidade. A capacidade de evocar tais imagens é uma habilidade herdada por toda a humanidade, mas para alcançar isso seria necessário acessar a parte mais profunda do inconsciente, onde encontra-se, de maneira adormecida, esses conteúdos denominados por Jung de arquétipos (RIBEIRO, 2020, p.12).

São modelos originais, protótipos. Podem ser vistos como dons da natureza para pensarmos, sentirmos e agirmos, que formam representações, as quais podem variar bastante em detalhes, mas conservam “seu modelo básico”, como, por exemplo, a de casa (VECHI, 2018). A estrutura psíquica que temos atualmente, bem delimitada entre consciência e inconsciente, capaz de centrar em assuntos de maneira racional e distinguir realidade de pensamentos e imaginação, somente foi desenvolvida após anos de adaptação (PEREIRA, 2007).

Apesar disso, os traços daquele outro tempo deixaram marcas, pois fazem parte da nossa história como humanidade, e por isso é ainda possível encontrar suas evidências a partir do acesso ao inconsciente coletivo. Diferem das imagens pessoais. Assim, atrás da namorada, estão a mãe, a avó e

a imagem arquetípica de mulher. Como dizem Hall e Nordby, o arquétipo é parecido com um negativo à espera de ser revelado pela experiência. Ou seja, a imagem primordial só é determinada quando se torna consciente (JUNG, 2008).

Os arquétipos conscientes são o ego e a persona; os inconscientes, a sombra, a anima ou o animus e o Self, o Si-Mesmo, Selbst, em alemão.

O ego é o centro da consciência, e tudo que se refere a ele é consciente. Contém o que a pessoa sabe de si mesma, sua autoimagem, seus ideais e valores, sua representação da realidade exterior e interior, do mundo objetivo e subjetivo. Cabe-lhe atender às exigências do seu ambiente e às do Self (BONFATTI et al., 2021). Assim como o ego depende do Si-Mesmo, para realizar-se na vida, como uma planta enraizada que aproveita a seiva natural que nela circula – diz Grinberg –, o Si-Mesmo necessita do ego para atualizar-se no mundo e nas relações com outras pessoas.

Estabelece-se o que Erich Neumann designou como eixo ego-Self. E, como oposto ao ego, existe a sombra, que deve ser por ele incorporada, ela que é a personalidade parcial mais primitiva e incômoda (PERRONE, 2008). O ego, como diz Jung nas Definições de Tipos Psicológicos, é “um complexo entre vários complexos”. É tanto um conteúdo da consciência como uma condição dela. Daí ser consciente o elemento psíquico que “estiver referido ao complexo do eu, do ego” (BONFATTI et al., 2021, p. 29).

Esse arquétipo coordenador da parte consciente da psique pode diferentes graus de consciência das manifestações psíquicas. Pode até estar absolutamente inconsciente delas, isto é, o Eu pode advertir problemas da vontade, da atenção, da memória (como a formação espontânea de lembranças), do comportamento (como estar obrigado a realizar ou omitir determinadas ações) ou da ideação.

3 CONCLUSÃO

Conclui-se, a partir desta pesquisa, que a concepção tipológica junguiana foi se ampliando no decorrer do tempo, com implicações importantes na prática de avaliação psicológica fundamentada em tal referencial teórico e, mais especificamente, na construção de instrumentos investigativos da tríade personalidade, competências e potencialidades.

Os romances de Clarice Lispector, assim como os contos e muitas das suas crônicas, são representativos de um trânsito entre sondagem exterior e experiência interior responsável por um singular entrelaçamento entre a realidade observável e a realidade intuída, recriadas no ato do espelhamento.

Através da elaboração também de um diagnóstico da teoria dos Tipos Psicológicos com base em análise e fundamentação da literatura acerca do tema, possibilitou-se descortinar de forma atualizada aquilo que se configuram como aspectos estruturantes do construto personalidade. Tal



perspectiva se voltou à elaboração de novas vertentes para análise da construção de um enfoque no processo de avaliação psicológica.



REFERÊNCIAS

- ANASTASI, A. Testes psicológicos. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1997.
- BANHATO, E. F. C. Reflexões sobre os benefícios da tristeza segundo a neurociência e a arte fílmica divertida mente. CES Revista, v. 33, n. 2, p. 147–166, 19 dez. 2019.
- BOCCA, M. C.; SILVA, C. A. DE F. DA. Sartre e a unidade da consciência: um breve registro de “A transcendência do ego”. Intuitio, v. 12, n. 2, p. e32858–e32858, 18 dez. 2019.
- BONFATTI, P. et al. Breves considerações sobre o conceito de self na psicologia de Carl Gustav Jung. ANALECTA - Centro Universitário Academia, v. 6, n. 3, 21 jan. 2021.
- CHARON, L. A transformational leadership development program: Jungian psychological types in dynamic flux. Organization Development Journal, Chesterland, v. 21, n. 3, p. 9, Fall 2003.
- CONTI, P. C. D. Super-homem, versão atualizada – afetividade dos homens em seus relacionamentos amorosos e conjugais: uma abordagem junguiana. Tese (Doutorado em Psicologia clínica)—São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.
- CRP/SP. Manual de Elaboração de Documentos Decorrentes de Avaliações Psicológicas - Resolução CFP N.º 007/2003. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/portal/orientacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_007-03_manual_elabor_doc.aspx>. Acesso em: 31 jun. 2021.
- DAVIDOFF, L. Introdução à Psicologia. 3 ed. São Paulo: Makron Books, 2001.
- FIALHO, F. A.; FERNANDES, E. G. Tipologias e arquétipos: a psicologia profunda com base para uma hermenêutica. Florianópolis: Insular, 2014.
- GEWEHR, R. B.; GEWEHR, R. B. Entre filosofia e ciência: o problema do naturalismo na psicologia de Carl Gustav Jung. Psicologia USP, v. 30, 2019.
- JUNG, C. G. O eu e o inconsciente. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUNG, C.G. Tipos Psicológicos. 6ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.
- KESTLER, I. M. F.; MOURA, M. DOS S. Fausto de Goethe e a contemporaneidade: [Recurso eletrônico] questões fáusticas no século XXI. Rio de Janeiro: Apa-Rio de Letras, 2012.
- LAUFER, A. A experiência religiosa do ser humano: evidências em Carl Gustav Jung e Edith Stein. Dissertação (mestrado)—Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.
- LISPECTOR, Clarice. Laços de família (1960).
- LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela (1977).
- LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida (1978).
- MOLINEIRO, M. L. D. C. A. Vocação: uma perspectiva junguiana. A orientação vocacional na clínica junguiana. Dissertação (mestrado)—São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.



- PADUA, E. S. P. DE; SERBENA, C. A. A psicopatologia na perspectiva de Carl Gustav Jung. *Psicologia Argumento*, v. 35, n. 90, 30 set. 2019.
- PANDINI, A. L. R. *Metanoia: caminho para o desenvolvimento no meio da vida*. Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.
- PATO, P. R. G. *Psicologia Junguiana na contemporaneidade: os predicados do conceito de símbolo em C. G. Jung*. Monografia apresentada ao IJEP como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Psicologia Junguiana—Brasília: IJEP, 2020.
- PEREIRA, H. D. C. *O laboratório analítico : a psicologia de C. G. Jung examinada pela teoria do atorede*. Tese (doutorado)—Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.
- PERRONE, M. P. M. S. B. *Complexo: conceito fundante na construção da psicologia de Carl Gustav Jung*. Doutorado em Psicologia Social—São Paulo: Universidade de São Paulo, 24 out. 2008.
- PORTELA, B. DE O. *A cura d'alma na psicologia de Carl Gustav Jung*. Dissertação (mestrado)—Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.
- PORTO, L. A. A. DE A. *Inventário de estilos de temperamento de adultos: evidências de validade*. Dissertação (mestrado)—Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2020.
- PRIMI, R. *Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida*. *Avaliação Psicológica*, 2, 67-77, 2003.
- RAFFAELLI, R. Jung, mandala e arquitetura Islâmica. *Psicologia USP*, v. 20, n. 1, p. 47–66, mar. 2009.
- RIBEIRO, N. A. T. *Estudo do inconsciente na tipologia junguiana*. Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Psicologia—Maceió: Universidade Federal de Alagoas (UFAL), 2020.
- RIBEIRO, P. O. *Primeiras crises psíquicas graves e a tipologia de Jung: um estudo exploratório*. Dissertação (mestrado)—Brasília: Universidade de Brasília, 2011.
- SANT'ANNA, P. A. *Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da Psicologia Analítica*. *Psicologia USP*, v. 16, n. 3, p. 15–44, set. 2005.
- VECHI, L. G. *A hermenêutica junguiana em estudo: aplicações possíveis na pesquisa qualitativa em psicologia*. *Revista de Psicologia*, v. 9, n. 2, p. 21–30, 2018.
- ZACHARIAS, J. J. DE M. – QUATI. *Questionário de Avaliação Tipológica (Versão II)*. Manual. 4a Edição. São Paulo: Vetor, Editora Psico-Pedagógica.